



Manhã d'outomno na linha do fogo—O primeiro chrapenell do dia

PROPRIETARIO
Joaquim Antonio Pereira Villela.
 DIRECTOR
Francisco de Sousa Gomes Velloso.
 EDITOR
Antonio José de Carvalho.
 ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica
 Revista litteraria semanal de
 informação graphica
 Redacção, administração e typographia
 83, R. dos Martyres da Republica, 91
 BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
 PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2\$400
» » (6 mezes)	1\$200
» » (3 mezes)	600
À cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador, accresce o importe das despesas.	
Estrangeiro (1 anno)	3\$000
» (6 mezes)	1\$500
Numero avulso	60

Manual de Adoração ao SS. Sacramento

DO PADRE A. TESNIÈRE

Traducção do P. José A. d'Oliveira

Magnifica edição. Preço, 300 réis. Pelo correio, 330 réis.

Quem comprar 12 exemplares ou mais, tem o abatimento de 20 p. c., mandando-os procurar ao respectivo deposito, n'esta administração.

Collegio Lyceu Português FIGUEIRA DA FOZ

DIRECTOR, *José Luiz Mendes Pinheiro*

Situação esplendida.—Magnificas installações construidas expressamente para o fim a que se destinam.

Cursos completos de instrucção primaria e secundaria.

Professores estrangeiros para a ensino das linguas.

Educação moderna completa sob todos os pontos de vista.

Enviam-se promptamente programmas e quaesquer esclarecimentos a quem os pedir ao director.

PENSÃO UNICA EM LISBOA

No coração da cidade, perto da Estação Central do Rocio, a poucos metros da Avenida da Liberdade — na RUA DA ALEGRIA, 90, 1.º — fica esta **Pensão**. E' deslumbrante, soberbo, o panorama que d'ahi se espraia, abrangendo, em semi-circulo, a melhor area de Lisboa, ficando-lhe em meio, essa soberba Avenida, e aos pés uma admiravel encosta de verdura, um bosque frondoso de plantas sempre verdes, sempre viçosas — o Jardim Botânico. Estando no centro da cidade, sentimo-nos viver na mais aprazivel das quintas. Está continuamente em **ares**, quem alli reside, é uma verdadeira **Estancia** de suade.

A par d'este bem estar ha uma alimentação pura, sadia, innocente, agradável, natural, sem temperos excitantes, sem ingredientes que tanto envenenam a pobre vida humana! A materia prima, carne, vinho, azeite, vinagre, nada é comprado nos estabelecimentos da cidade, vem directamente da provincia de casa do proprietario, e de casas particulares. E' assim que, estando na cidade, se vive n'uma atmospheria pura e sadia, como na provincia; e como na provincia nos alimentamos tambem.

Tudo isto, que é litteralmente verdadeiro, é coroado por um preço excepcional. E' que a **Pensão**, desejando e querendo ser honesta e seria, aspira a um fim moral e humanitario. Não se admittem senão pessoas honestas, serias, sociaveis. Ha quartos por preços modicos. Da provincia deve-se prevenir antecipadamente.

O DIRECTOR — *Padre João Antonio Fidalgo.*

Modo de ajudar á Missa segundo o rito romano. Em latim e português, intercalado de explicações

E DESTINADO ÀS **Catecheses da Doutrina Christã** (Por um Presbytero)

(2.ª edição). Preço 30 réis. A' venda n'esta administração.



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela.

Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

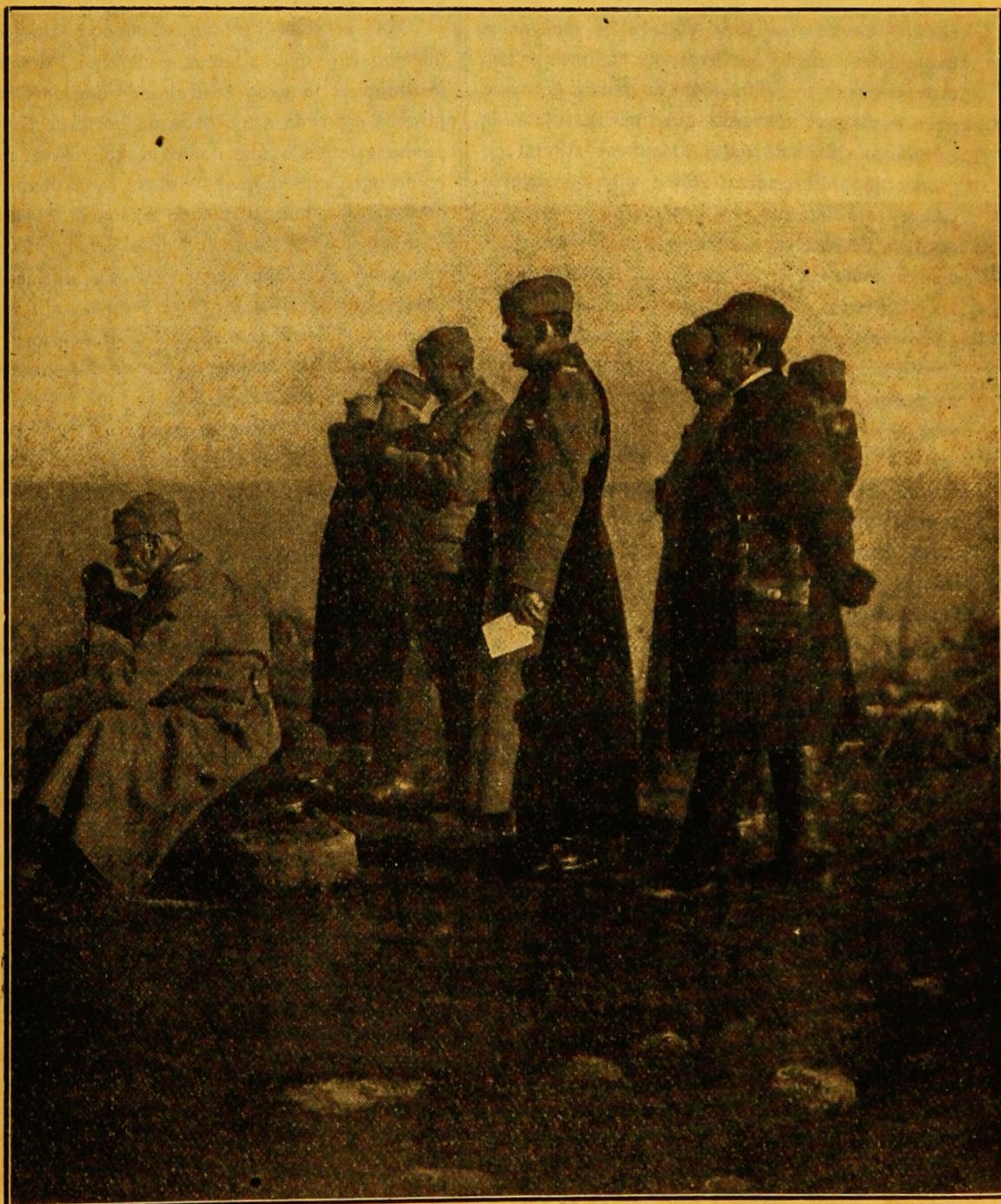
ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 16 de janeiro de 1915

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 81—Anno II



O rei Pedro, da Servia, observando o movimento das suas tropas

Chronica da Semana

LXXIX

A' ESQUINA

O recrudescimento da lucta politica no paiz já mereceu do officioso *Times* acre censura, e ninguem ignora que o nome de Portugal não é escripto ao lado do da Inglaterra quando a imprensa dos belligerantes alliados mencionam as nações que lhe prestam auxilio.

Este facto muito deve melindrar os nossos compatriotas que por'hi penduraram nos candieiros das cidades as suas declaradas tendencias anglophilas, attento que todos á uma, encareciam a necessidade de entrarmos na bulha europeia pelas vantagens inumeras que nos adviriam de sermos parceiros da velha e manhosa Albion no grande jogo de xadrez, a que vimos assistindo com extraordinario susto.

Este desprezivel silencio a que lá fóra votam o lindo titulo da Republica Portugueza fére, pois, no mais fundo das suas raizes o pundonor de aquelles nossos compatriotas: é a recusa á sua participação no conflicto, um como bater com as portas na cara d'algum intruso cuja falta de juizo se receia.

D'aqui veio, na opinião do chronista, a estupenda celeuma que vae por todo o paradisiaco eden da politica republicana — perdoe-nos a memoria de nossos primeiros paes a comparação ironica que fazemos — celeuma que teve por immediatas causas as divergencias do sr. Brito Camacho e o cheiro estonteante ao carneiro eleitoral.

O chefe unionista não quer que forneçamos carne ás ballas allemãs na Europa, embora não se recuse a admittir que o façamos na Africa occidental, onde, segundo as ultimas notas officiosas, soffremos um grave revez que oxalá seja bem desferrado dentro em breve.

Perguntará o leitor: — mas como é que nos podemos furtar á intervenção militar no conflicto, se os allemães no atacaram sem mais formalidades protocollares o patrimonio colonial?

E talvez sem o saber, o leitor formulará uma interrogação que a esta hora anda em quantas boccas de ignorantes discutem em Portugal. Nós é que não lhe sabemos responder com exactidão, porque não podemos.

E' verdade que aparentemente, e *pelo que se vê*, os factos se passaram segundo vão indicados na pergunta formulada.

Nós, mansissimos desde o primeiro dia do conflicto, não fazendo mal a ninguem, como sempre e pelo menos se alguma

vez o causamos, foi sem querer, como dizem os meninos espertos — nós fomos aggredidos repentinamente e sem razão alguma. Em caminho, notaremos que ao fallarmos na primeira pessoa do plural nem nos ataviamos com o enfatuado orgulho dos que possuem arvores genealogicas, nem nos queremos incluir na aguerrida phalange que tem nas mãos a bocêta de Pandora dos destinos nationaes e as responsabilidades consequentes do que fizerem erradamente em nosso nome. Prosigamos.

Mas será na verdade assim como indica a já escripta interrogação, que os factos se deram? Poderá considerar-se neutralidade, aquella neutralidade que garante a integridade physica e arreda a trovoada da porta de casa, toda a campanha estouvada que contra a Allemanha, na imprensa *in-color*, nos cortejos, nas praças, nos theatros, creou uma corrente d'opinião perfilhada e alimentada notoriamente pelas auctoridades e pelos governos, chegando a considerar-se digno de represalia penitenciaria a affirmação de que nem tudo o que se dizia em letra redonda era verdade?

Eis outra pergunta, a contrapôr á primeira, que o chronista aqui junta ao mesmo feixe de considerações pela razão de que ha quem a faça, e já em alta voz, por toda a parte, sem com a sua enunciação querer dizer que toda a culpa nos cabe ou que não nos devamos defender e offender quando nos pretendem roubar o que é nosso e muito nosso, por posse continua e publica de muitos seculos.

... Está feito o registo dos factos da semana decorrida. De que fallar-lhe agora, leitor bondosissimo e clementissimo leitora?

Da invernia que agora, de noite, enquanto escrevemos, silva lá fóra, sob o borrão turbido do céu, o seu furor de monstro em raiva e dá á vida diurna da cidade o aspecto sujo e semsaborão d'um Carnaval insipido? Das cheias que levam já boiando nas correntes destroços de casaes e alguns cadaveres, matando as primeiras sementeiras do anno e pondo nas encostas e nas planicies um rouco grito de fome a substituir a paz campesina?

Ou das ultimas modas de inverno, impressões de passeio, ás tres da tarde, por entre a massa ondulante das peliças caras, dos rostos bellos, das elegancias esbeltas e lançadas, vista passar lentamente alli da Praça entre dois politicos que commentam democraticamente a ultima revelação do snr. Camacho ou dois litteratos que dizem mal do ultimo *ventre de paraitre* nas livrarias desertas?...

F. V.

Durante a guerra



NÃO sei se algum dos meus leitores teve a longanimidade de lamentar que a guerra interrompesse os meus serões precisamente quando aquella mixtura de *bachareis* e *bachalhaus* promettia a mais completa indigestão linguistica de que ha memoria.

Eu é que lamento, e com profunda magoa, a perda dos meus livros e papeis, que lá ficaram em Huy, na Belgica.

A estas horas talvez esteja reduzido a cinzas o resultado de tres annos de trabalho e economias:—os melhores livros de glottologia que fui comprando para matar honestamente as saudades da patria, e os cadernos em que ia lançando as observações pessoas, além de cerca de 10:000 verbetes d'um trabalho de benedictino em que estava empenhado e que o proprietario da *Illustração* bem conhece... Se Deus me der vida e saude, recomeçarei; mas é duro, aos 33 annos, recomeçar...

E que faremos durante a guerra? Sem os meus livros e cadernos, em paiz estranho, sobre-excitado com a leitura quotidiana de seis ou oito jornaes, que annunciam e desmentem victorias e derrotas, que farei para entreter os leitores? É para matar saudades dos meus estudos favoritos ao mesmo tempo? Quem me diria, ha quatro mezes, quando eu proseguia tranquillamente a tarefa de estudar as principaes linguas da grande familia indo-europeia, que essa fraternidade, descoberta pela sciencia, poderia ser dentro em breve descoberta tambem, pelos soldados indianos, pela primeira vez transportados aos campos de batalha da Europa, n'alguma trincheira de Flandres!

Creio que o melhor emprego dos nossos serões, n'estes calamitosos dias de lucto universal, visto que a idade, o vigor physico, a falta de coragem ou a situação geographica nos não atiram tambem para os campos de batalha — será fallarmos das linguas, que ao mes-

mo tempo se estão ouvindo nos campos de batalha, nas vozes de commando, nos grupos das trincheiras, nos ultimos aboquejos dos que morrem nos hospitaes ou sob a chuva da metralha.

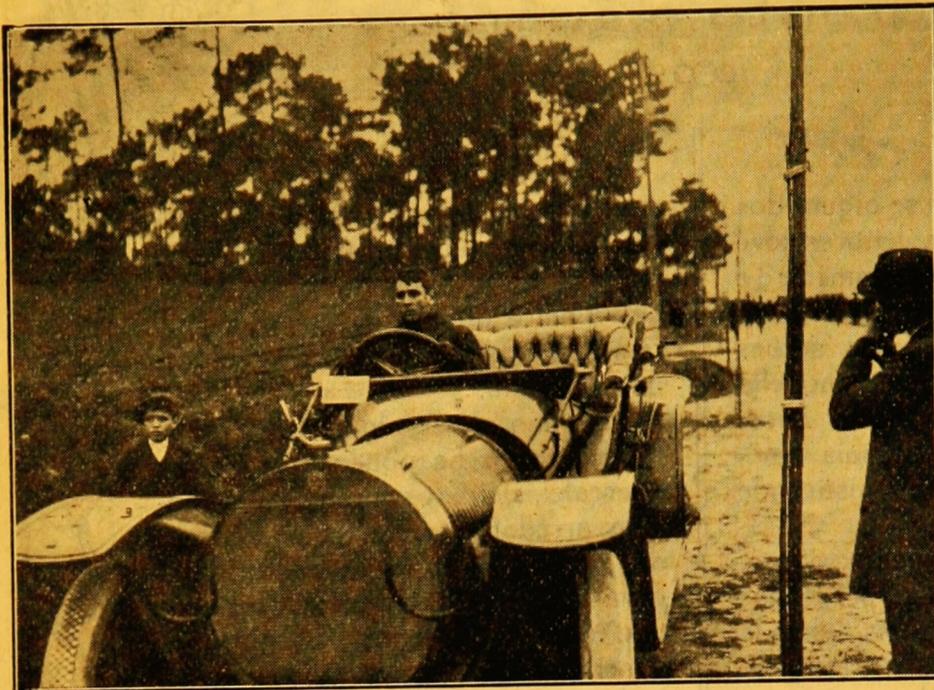
Eu não sei se algum leitor arrebitou o nariz ha pouco, quando eu intercalei, entre os motivos que podem arredar-me, e a tantos outros, da lucta armada, a *falta de coragem*. Por mim declaro, sem rebuço, que me não sinto com animo para ir servir. Não é culpa minha se não tenho a musculatura, o peso e a saude que necessita o soldado para a lucta. Quando Paiva Couceiro entrou a primeira vez em Portugal, eu estava muito socegado na Corunha, sem compromisso de alistamento, ignorado e confortavel no meu retiro. Avisado por um amigo, parti como voluntario da ultima hora, e apresentei-me na Sanabria, esperando que me dessem uma espingarda para ir affirmar lá dentro a minha irreductivel incompatibilidade com...

Alto! Agora não é occasião, nem lugar, para politica interna. Esperava eu que me dessem a espingarda para ir lá dentro, e demonstrar, que apesar de fraco, saberia continuar com a espingarda o que começara com a penna. O leitor sabe o que succedeu. Não me deram espingarda, nem pistola, nem varapau, nem sequer um assobio, para um aperto! (1) Ainda assim, por lá andei tres dias, dormindo ao relento, batendo o queixo e ouvindo lérias — muita léria, sobretudo! — dos meninos bonitos que nos levaram áquella aventura. Para me cobrir, tive que furtar um cobertor ao livreiro Magalhães, do Porto, que nunca soube quem lhe fizera a partida. Aqui me confesso reu do raptio do cobertor, que talvez, a estas horas, esteja agasalhando em Flandres algum soldado do *kaiser*, ou enterrado com elle... *Habent sua fata*... os cobertores, como os livros e os livreiros...

Ia eu dizendo que, ha tres annos, não olhei á estatura nem á saude, nem á falta de exercicio, nem ao perigo, e fui para a lucta com ani-

(1) A pistola e as balas com que por lá andei e que conservo, deu-mas particularmente um amigo, o dr. Alexandre de Albuquerque.

mo, e só me retirei, bem acompanhado por tres ex-officiaes do exercito, (1) (que ninguem accusará de cobardes), quando todos quatro entendemos que a loucura passava das marcas. Mas a lição serviu-me. Sei que se tivesse dormido mais duas noites na serra, a terceira já a dor-

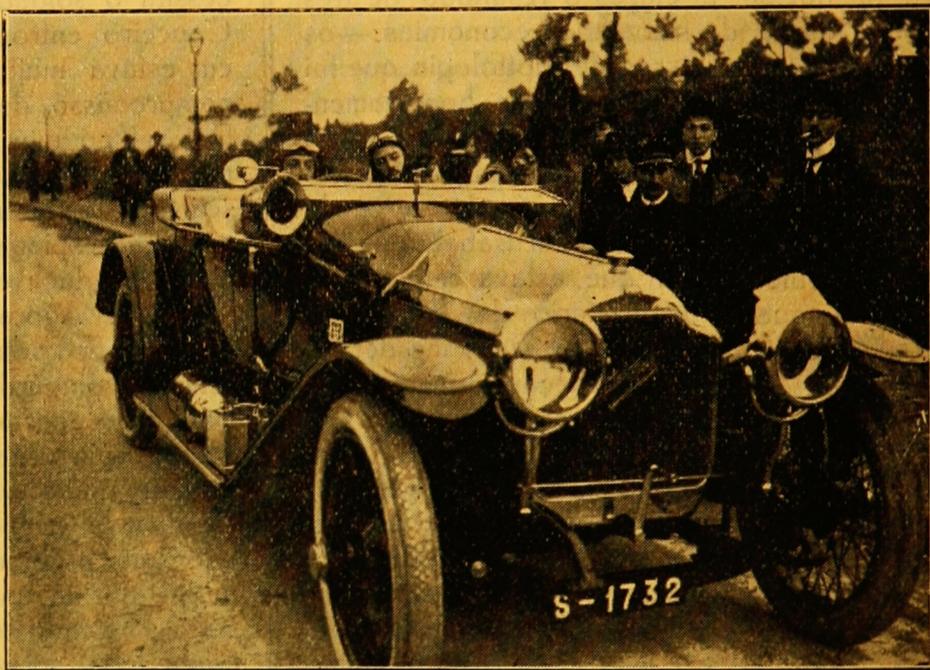


mos dos povos que se entrematam para assegurar a paz do mundo. O leitor, provavelmente, nunca viu nem ouviu japonês, nem russo, nem hindustani, e talvez não desgoste de conhecer o mechanismo e algumas palavras e phrases d'essas linguas estranhas. Pois bem: desde o desembarque das tropas indianas em Marselha lancei-me sobre o hindustani, e desde a rendição de Tsing-Tao manuseio a grammatica japoneza, e tenho o prazer de annunciar que já encontrei a origem de algumas palavras que todos nós pronunciamos sem saber que são japonezas; o russo, esse, já é meu velho conhecido: velho de ha dois annos, quando eu apurava a paciencia do capitão Ferreira — o futuro bombardeador de Chaves — repetindo-lhe palavras e phrases russas. Ainda não pude caçar uma grammatica servia, mas não tardará, especialmente se, como espero, a pro-

miria quatro palmos mais abaixo da superficie, e para nunca mais acordar. Que faria eu agora, com mais tres annos e menos algumas illusões, se devesse ir passar semanas, talvez mezes, em trincheiras humidas, quando não alagadas ou geladas? Mas isso não impede que, se o contingente portuguez vier á França, eu lá esteja, se fôr preciso, como interprete ou voluntario nos serviços hospitalares. Isto se as damas *formigas brancas* não açambarcarem todo o serviço. Agora estou eu pensando que as referidas damas, decerto, não receiam a vista dos feridos, a atmosphaera dos hospitaes, as vigalias e os humildes trabalhos que se exigem d'um voluntario das ambulancias. Mas o que poderá rustrar o seu ardente desejo de ser heroicas, será... a *cruz vermelha* nas blusas e aventaes! Póde lá ser!... Uma *membra* da *Liga republicana dos direitos do homem*... de cruz ao peito! Uma bomba, um punhal, um varino, um malhete, o que quizerem, como distinctivo; tudo... menos isso: a Cruz!

Mas deixemos de vez a guerra, e enquanto n'ella se decidem os destinos da Europa, falle-

(1) Homem Christo, Conde de Penella e Vieira de Castro, que foi morrer a Bruxellas.



PORTO—Corrida d'automoveis na estrada de circumvalação

- 1—O sr. José Torres, vencedor da 5.^a cathegoria, n'um carro "Hotchkiss."
- 2—O sr. Domingos Ferreira do Nascimento, vencedor da 4.^a cathegoria no seu carro "Turcat Mery"

xima carta fôr já datada da velha Oxford. Esta vae datada de Swindon, cidade cujo nome, segundo os etymologistas topographicos, vem de *swine town: cidade dos porcos*. Agora, até ao proximo serão, e espero que todas as semanas lhes poderei offerecer materia curiosa para os aligeirar.

O *yasumi nasai!* — se toparem por ahi algum japonês perguntem-lhe o que isto quer dizer...

ARTHUR BIVAR.

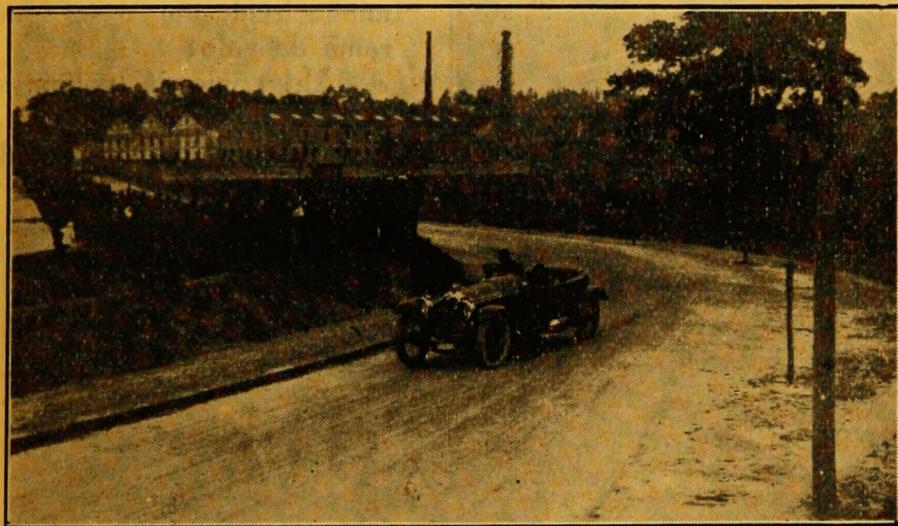
VIDA INTENSA

A

Inglaterra irá até ao fim, afirma firmemente o gabinete de Saint-James.

Ha tempos que se rumorejava nos centros d'informação, que a paz devia celebrar-se n'um curto espaço de tempo e a nova consoladora ganharia vulto, se o governo inglez, renovando ha dias os seus propositos destruidores, não tivesse desvanecido essa ultima illusão.

A Inglaterra desmascarou-se mais uma vez. Não foram os deveres d'uma *entente* ou os louvaveis sentimentos de piedade pelos fracos, que a empurraram para a lucta mas unicamente os seus interesses em perigo e como tal, pelos seus interesses, luctará até ao fim. Não pode dizer-se, pois, quando se fizer a historia fria e desapaixonada d'esta catastrophe horrivel, que a Inglaterra combateu os allemães ao lado da França, porque ella, ameaçada no seu predominio commercial e politico, fez muito simplesmente em França, a guerra aos allemães,



O sr. Ferreirinha n'um carro «Darracq»

Por isso se obstina na guerra, por isso esgotará o seu ultimo recurso n'essa lucta execravel, que decidirá dos seus destinos. Sem ella, a França teria proposto a paz ante a ameaça do bombardeio de Pariz e, embora vencida, ficaria talvez melhor collocada do que ficará fatalmente, ainda que vencedora, na liquidção do conflicto,

Mas a diplomacia ingleza, que é justo frisar se tem revelado intelligentissimamente, despediu o golpe da paz collectiva e á força disciplinada dos exercitos teutonicos, oppoz n'esse momento, a força leve mas dominadora do espirito.

Hoje, como hontem, repudia a paz preconizando a lucta como unico meio salvador e cheia de firmeza, de coragem, com essa tenacidade admiravel, que é, o mais indelevel traço do seu character collectivo, dispõe-se para vencer ou para morrer...



Entretanto o espirito inglez, que hoje appoia enthusiasmado esta decisão, pode amanhã variar ante a visão inesperada de qualquer tragica surpresa. «O governo irá até ao fim» affirma Sir Grey, o diplomata admiravel, mas o povo, então, é que pode ficar pelo caminho...

Em setembro já, ante a ameaça dos aviões do Kaiser, Londres agitou-se de pavor, d'incerteza, de receio e não será d'extranhar, que amanhã, se a sorte sempre imprevisita e caprichosa, arrastar para Calais, por sobre ruinas e cadaveres em montão, os exercitos de Guilher-

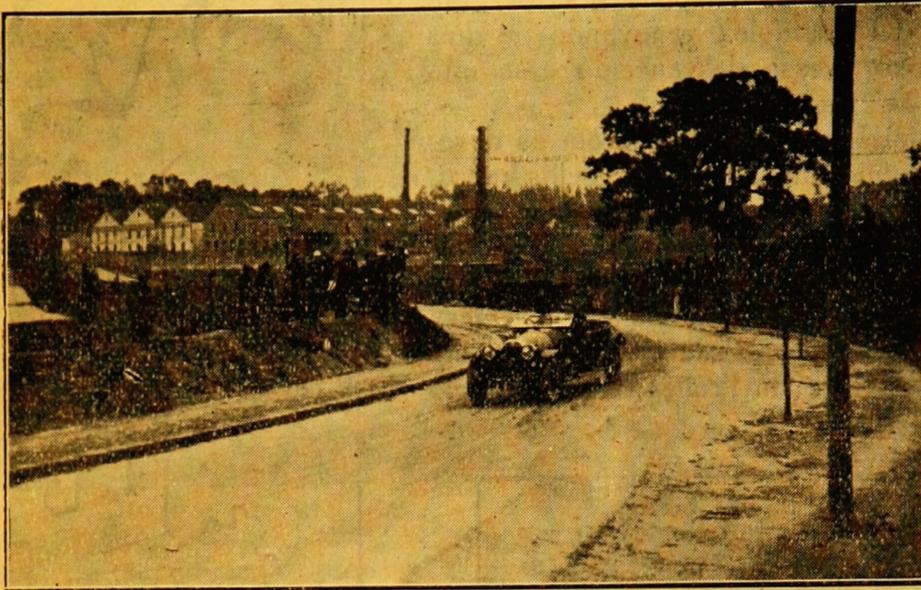
sonhos, és a unica confidente dos meus dias de creança. Igual a minha mãe nos carinhos que de minhas mãos e de meus labios recebeste, em ti eu fui aprendendo a arte de afagar uma filha que Deus me ha de conceder quando o meu noivo encantado vier buscar-me, como eu te descrevi por uma manhã cheia de oiro e canticos, de luz e de esperança, minha linda boneca dos meus sonhos, vindo do longinquo paiz de flôres e de palacios de marmore onde as fadas premeditam a felicidade e a desventura...

Então, entregar-te-hei aos beijos do meu filhinho, e como eu elle trazer-te-ha para o seu fôfo leito de plumas... e viverá contigo os sonhos que eu sonhei...

Até que chegue para elle este dia que para mim está resoando, de abandono de tudo o que fez o despreoccupado enlêvo da minha tenra idade!

Minha linda boneca dos meus sonhos, nunca mais tornará a brincar contigo nem a sorrir para ti! Abre-se na minha frente um novo panorama da vida!

Ah! como já voltam em galopada doida, para o paiz dos cysnes brancos e dos

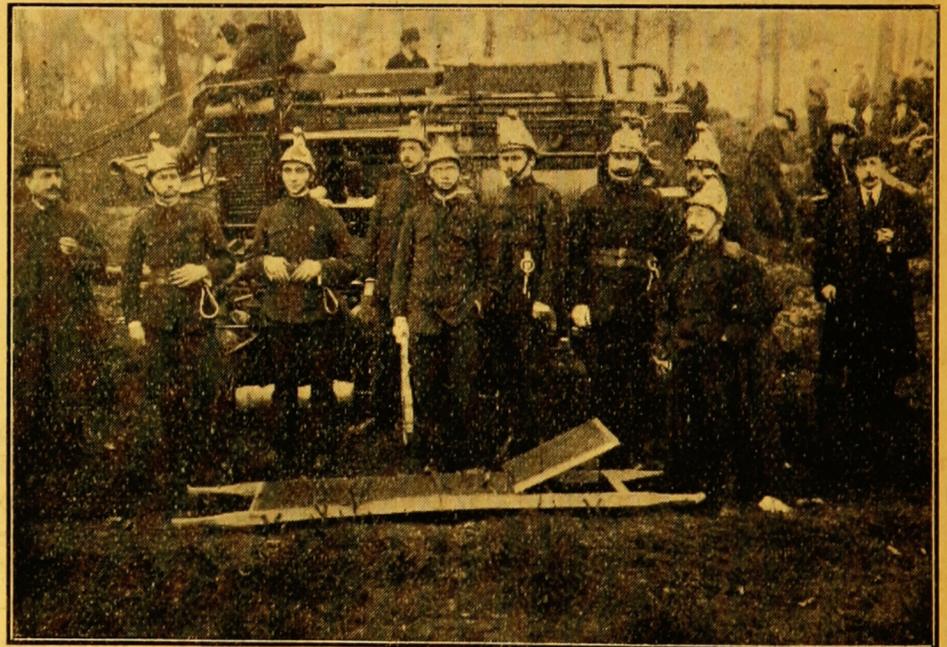


PORTO—O sr. Antonio Lopes n'um carro "Turcat Mery."

me II, Londres, não fique amedrontada, de cara para o ar, a descortinar *taubes* germanicos sem ter ousadamente um gesto mais decisivo.

É, então, nem mesmo a subtileza admiravel de Eduardo Grey poderá conjurar o mal. E' por isto, que a firmeza da resposta do governo inglez, parece-me, no momento actual, demasiado firme...

JOSÉ DE FARIA MACHADO.



Bombeiros Voluntarios do Porto, que prestaram os serviços d'ambulancia

(Clichés de J. d'Azevedo, phot. da «Ill. Cath.»)

RISCOS...

Quando veo dormidos à mis hijos pequeños siento una gran desolacion:
—Qué poco os durarán nuestros azules sueños y la paz en el corazon!

Emilio Carrère.

MINHA linda boneca dos meus sonhos, quando eu fôr velhinha hei-de emballar-te ainda no teu berço de rendas, que eu teci... Porque tu, minha linda boneca dos meus

jardins de fructos de oiro, os meus sonhos de creança... Só tu os sabes contar!

FRANZ.

A Revolução de Julho

NO dia 25 de julho de 1830 reuniu o conselho de ministros sob a presidencia do rei, e o guarda-sellos Chantelauze leu quatro decretos. O primeiro suspendia a liberdade de imprensa, o segundo dissolvia a camara dos deputados, o terceiro reduzia a duzentos e trinta e oito o numero de deputados, o quarto convocava os novos collegios eleitoraes para setembro. Polignac, presidente do conselho de ministros,

provocava com estes quatro decretos a revolução que ha muito estava feita nos espiritos,

Carlos X conservou-se alguns minutos com a cabeça entre as mãos, e disse em seguida:

—Quanto mais penso mais convencido fico de que é impossivel fazer outra cousa.

Assignou os decretos e exclamou para os ministros:

—Agora, meus senhores, é para a vida e para a morte.

Os decretos estoiraram como bombas sobre a irrequieta população parisiense.

Thiers ridigiu um protesto, que foi assignado por quarenta e quatro jornalistas e publicado no *Nacional*, em que se dizia: *“O regimen legal acha-se interrompido, começa o da força. A obediencia deixa pois de ser um dever. Os cidadãos que primeiro foram emprazados a obedecer foram os redactores dos jornaes; cumpre-lhes pois serem os primeiros a darem o exemplo da resistencia á auctoridade que se despojou do character da lei. Não nos pertence dizer á Camara, illegalmente dissolvida, quaes são os seus deveres; mas podemos supplicar-lhe, em nome da França, que resista á violação das leis. O governo perdeu hoje o character de legalidade que impõe a obediencia. Pela nossa*

parte resistimos-lhe; cabe á França julgar até onde ha de estender a sua propria resistencia..

Levantaram-se barricadas nas ruas de Paris, a artilharia troava incessantemente, e, enquanto o marechal Marmont era vencido pela insurreição, Carlos X jogava o *whist* em Saint-Cloud. A lucta custou ao povo cerca de cinco mil mortos e feridos. Homens de blusa, cobertos de andrajos, estiveram de guarda aos cofres das duas prefeituras, que continham muitos milhões, velaram pelos thesouros artisticos do Louvre e transferiram para o palacio municipal os objectos preciosos encontrados nas Tullerias.

Carlos Nodier, philosopho e bibliothecario do Arsenal, vendo um homem combatendo heroicamente á frente d'um grupo, poz-lhe a mão n'um hombro e perguntou-lhe:

—Que profissão é a sua?

—Sou official de marceneiro no bairro do Arsenal.

—Havia que fazer no arrabalde de Santo Antonio?

—Não faltava obra.

—Pois faça uma revolução e verá d'aqui a seis semanas a obra que tem que fazer.

—Morrerei de fome, mas serei livre.

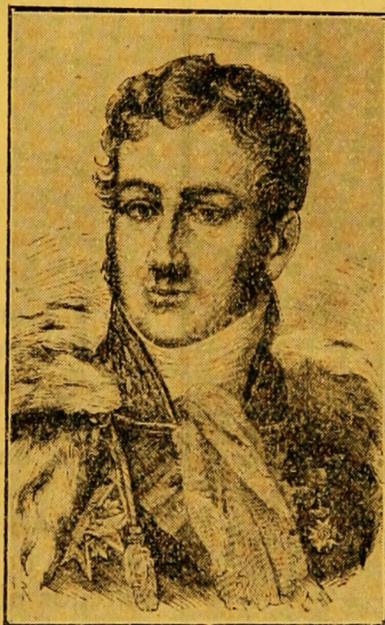
—Ha de morrer de fome e ha de ter menos liberdade do que tinha. Pobres rapazes! Se ao menos lucrassem alguma cousa com as revoluções... mas no fim de cada revolução tenho visto o povo mais desgraçado do que era.

La Fayette respondeu aos que lhe offereceram o commando da guarda nacional:

—Acceito e o meu procedimento será aos setenta e tres annos o mesmo que foi aos trinta e dois.

Installou-se no palacio municipal e não só soube resistir ás tropas de Carlos X como ás reiteradas instancias de muitos dos mais arroçados combatentes que queriam que elle fundasse uma republica. O povo não estava preparado para essa forma de governo.

Rémurat, seu neto por alliança e partidario do duque d'Orleans, fallou-lhe claramente:



Polignac

—Quer ser presidente da republica?

—Por certo que não!

—N'esse caso ajude-nos a pôr o duque de Orleans no throno.

La Fayette annuiu com a condição de se ampliarem as liberdades publicas. Então, os deputados, acompanhados do duque d'Orleans e saudados pela multidão, subiram as escadas do palacio municipal. O principe só cobrou animo quando viu La Fayette e a commissão municipal irem ao seu encontro, pois receiava a mocidade republicana que enchia as salas e se mostrava fria e descontente.

Sorriu a La Fayette e disse-lhe affectuosamente:

—Está vendo um antigo guarda nacional de 1789, que vem visitar o seu general.



Thiers

Seguidamente accitou as declarações da Camara. Dubourg, disse-lhe:

—Os compromissos que acaba de contra-

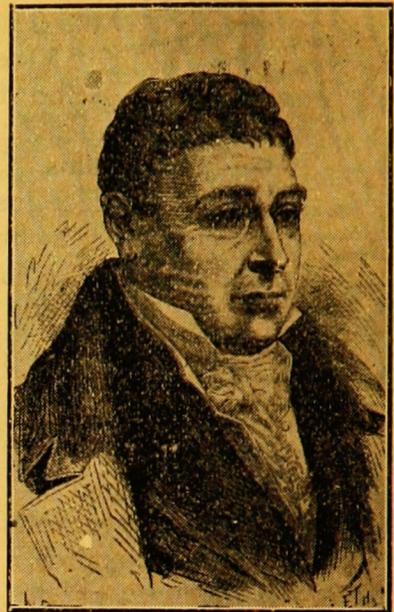


Embarque de Carlos X em Cherbourg

hir são grandes, se faltar a elles nós lh'os saberemos fazer cumprir!

—Senhor, respondeu o principe, saiba que sou um homem de bem e que nunca foi necessario que me lembrassem os meus deveres.

La Fayette deu uma bandeira tricolor ao duque d'Orleans e conduziu-o á janella a saudar a multidão, que o acclamou delirante. Começava um novo reinado.



La Fayette

E Carlos X?

Estava em Rambouillet e ainda dispunha de dez mil homens. O duque d'Orleans tinha-lhe mandado Odilon Barrot para o convencer a retirar-se da França. Carlos X respondeu a Barrot:

—Abdiquei em proveito do meu neto, o duque de Bordeus, e hei de defender os seus direitos até á ultima gotta de sangue.

—Seja qual fôr o futuro que Deus reserve ao neto de Vossa Magestade convinha, no interesse d'esse mesmo futuro, não o manchar com o sangue que vae correr.

—Que devo fazer então?

—Sire, começou o sacrificio, queira consummá-lo! Não ha tempo a perder.

Carlos X consentiu em deixar a França com a sua familia, e Barrot escreveu logo ao duque d'Orleans:

—Meu principe, já não tem competidor ao throno. O unico herdeiro que pode ter é a republica.

Ao tempo marchava sobre Rambouillet um exercito de parisienses. Quando a noticia chegou ao palacio o pavor apossou-se de toda a côrte, as deliberações tomaram-se no meio da angustia; os cortezaões, que n'aquelle dia jantaram á meza do rei,

desappareceram, e alguns tão rapidamente que nem levaram os chapéus!

Assim, de todos abandonado, Carlos X deixou a França.

Sobre a revolução escreveu Alexandre Dumas, que foi um dos mais entusiastas combatentes:

—Quem fez a revolução de 1830 foi essa juventude ardente do proletariado heroico; que causa o incendio, é verdade, mas que o apaga com o seu sangue; foram os homens do povo, que são postos de parte quando a obra está concluída, e que, morrendo de fome depois de haver feito a guarda do thesouro das Tulherias, se ergueu sobre os pés descalços para vêr da rua os convivas parasitas do poder admittidos em seu prejuizo aos cargos publicos e ao quinhão de honras.

A. C.

A vida do jornaleiro

(Conclusão)



FOI uma agonia para o creado. Quando batiam o ultimo prégio no caixão do opulento lavrador, pôde dizer-se já mão fatidica aplainava a primeira taboado de João. Recahira n'uma tristeza morbida,

n'um marasmo indecifrável que lhe disputava cruelmente o sangue e a vida.

Felizmente para elle, José, seu filho mais velho, que já contava 16 annos, era laborioso, amavel, e estava em boa carreira de ganhar o pão para a tia e para o irmão mais novo, que tambem fazia já algum serviço, guardava o gado, ia com as ovelhas... Depois de immenso padecimento, João dobrava a cabeça perante a morte inflexivel, abrindo na alma dos dois orphãos uma fonte de pungentes lagrimas. Morreu, coitado! mas a sua memoria lá ficou aos dois gravada no coração, fornecendo-lhes alento para conjurar todas as insidias da sorte e todos os grandes perigos de desconforto e desanimo. Olhos fitos n'elle, nunca largaram mão do trabalho, que foi sempre o seu melhor brazão de gloria.

Sempre, não é justo que se diga.

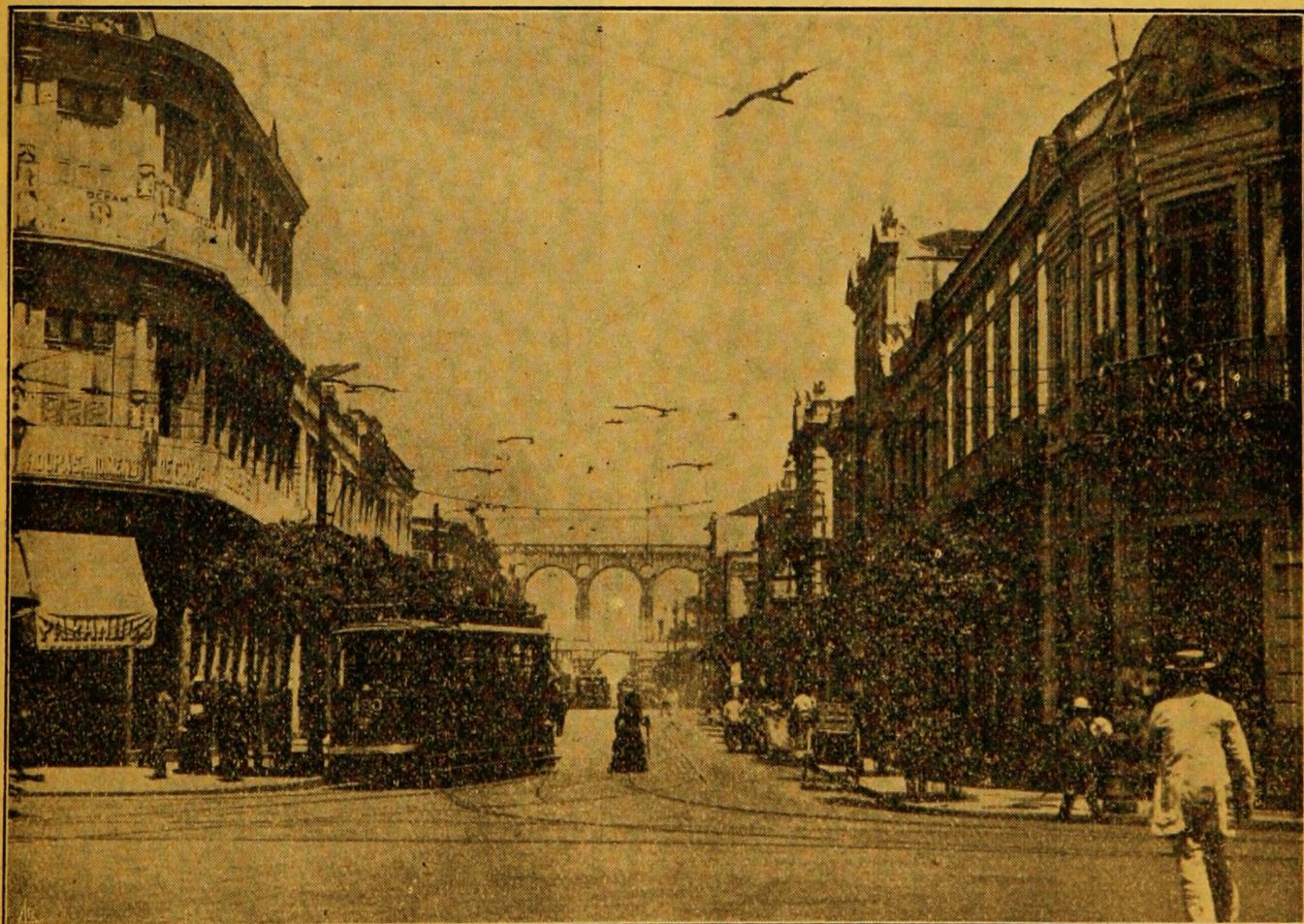
Um dia amanhece lá na terra um velhote de barbas grisalhas, quasi de todo calvo, e com um honroso sequito... de malas.

—Quem será? Quem não será? perguntava a gente nova.

—Ora quem ha de ser? disse tambem uma velha de cabellos brancos. E' o tio do João da Pereira, que morreu hecico ha sete annos.

D'alli por deante os dois orphãos não trabalharam mais, e foram viver em palacete com o brasileiro rico: mas foram sempre honestos, como seu pae...

S. AZEVEDO.

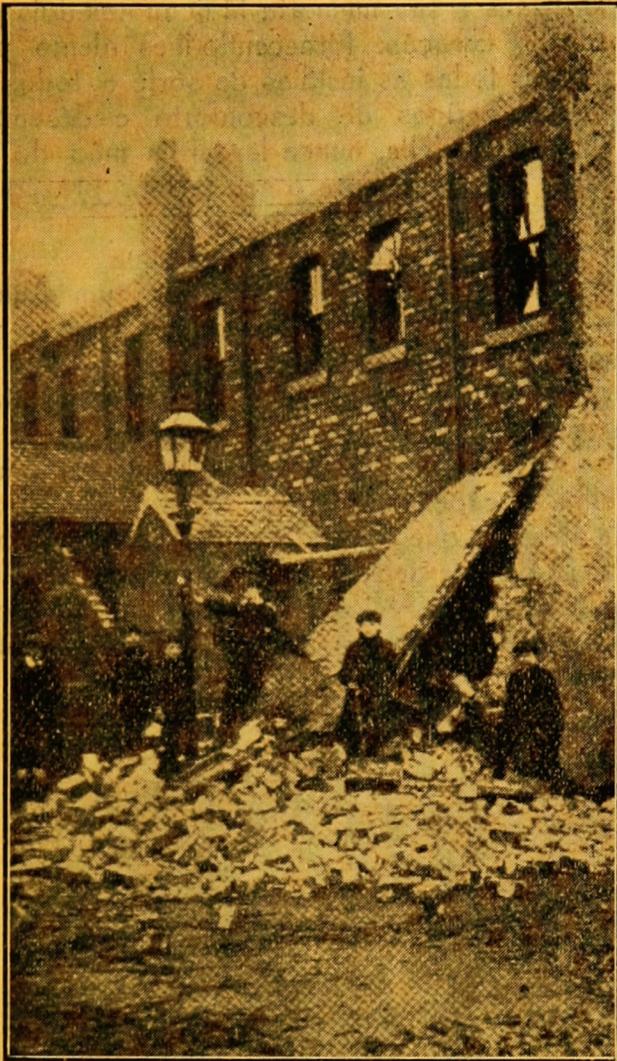


A «*Illustração Catholica*» no Brazil — Um trecho do bairro da Lapa no Rio de Janeiro

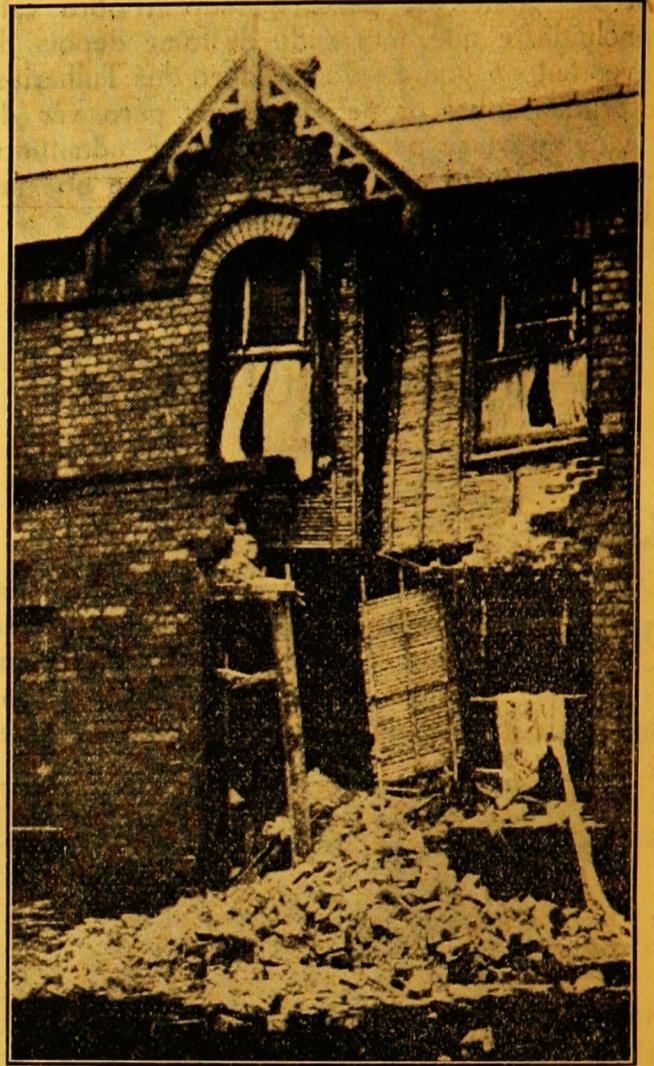
(Cliché do sr. José Carvalho, dist. phot. do «*Jornal do Commercio*»)

A Guerra Europeia

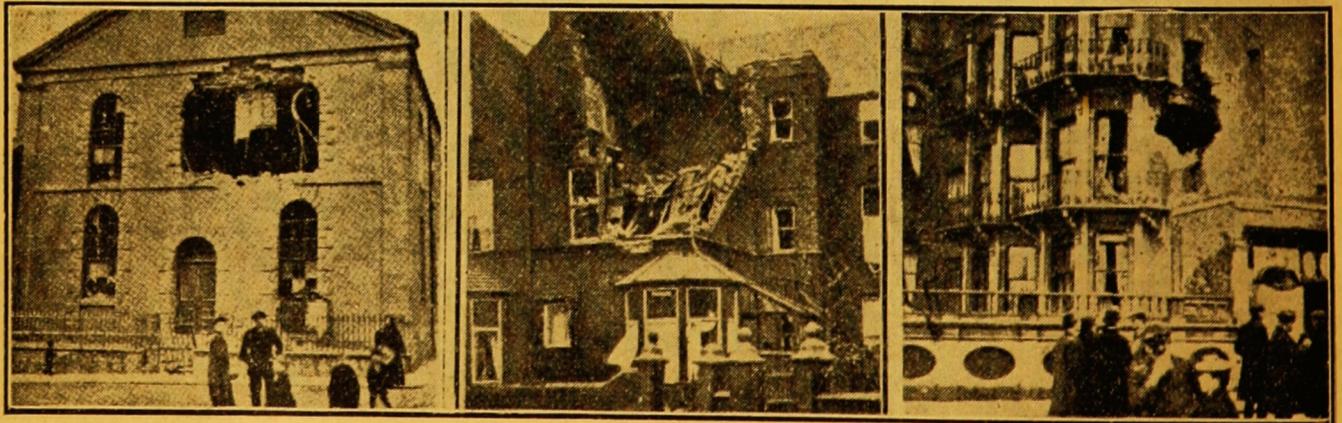
O bombardeamento da costa ingleza



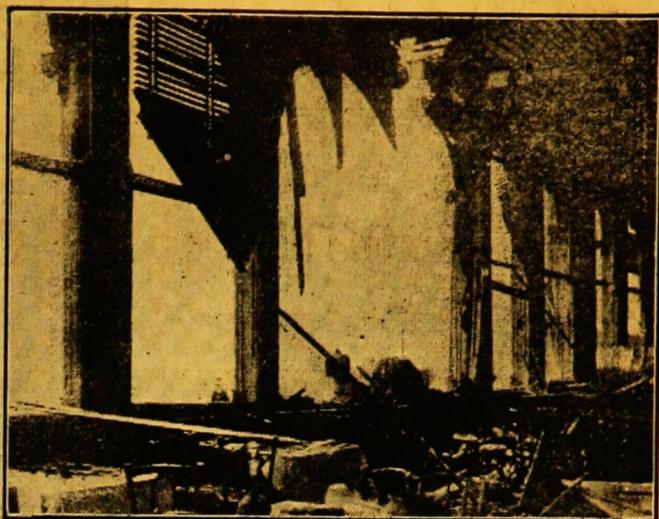
O bombardeamento de Hartlepool—Destroços ocasionados por uma granada allemã



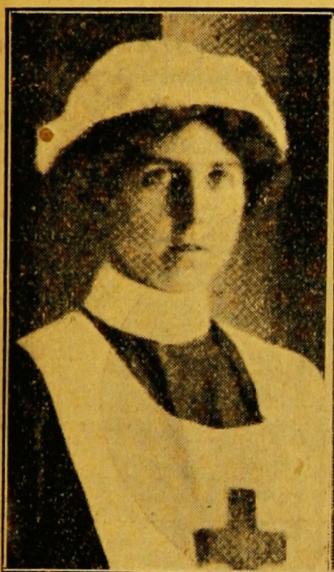
O bombardeamento de Scarborough—A casa de Wykehan Street onde morreram quatro pessoas



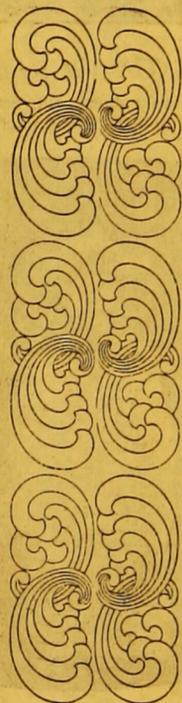
Ainda os estragos causados nas povoações de Scarborough e Hartlepool



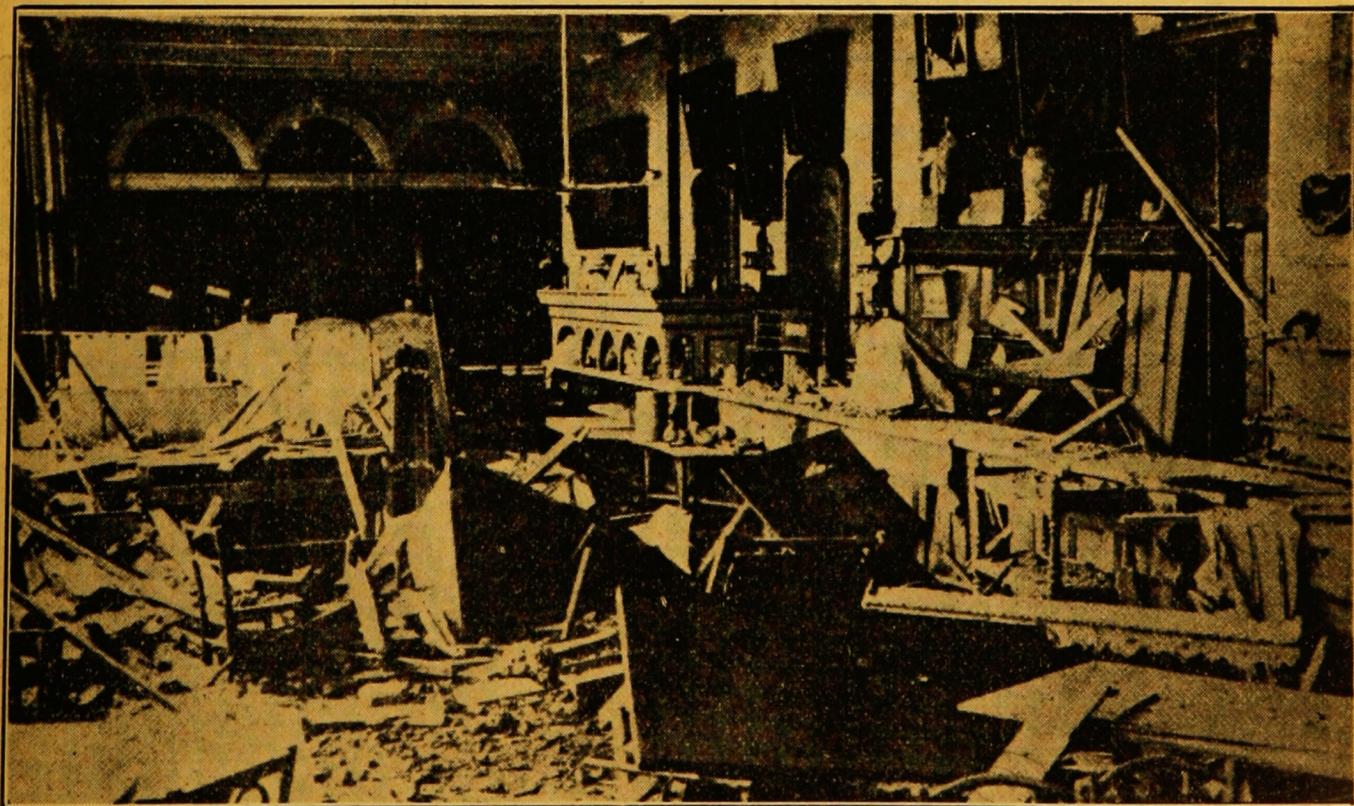
A fachada do Grande Hotel de Scarborough, depois do bombardeamento feito pela esquadra allemã *O interior da sala de jantar do mesmo hotel*



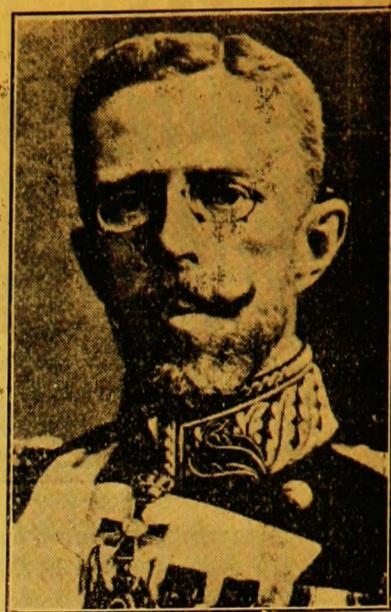
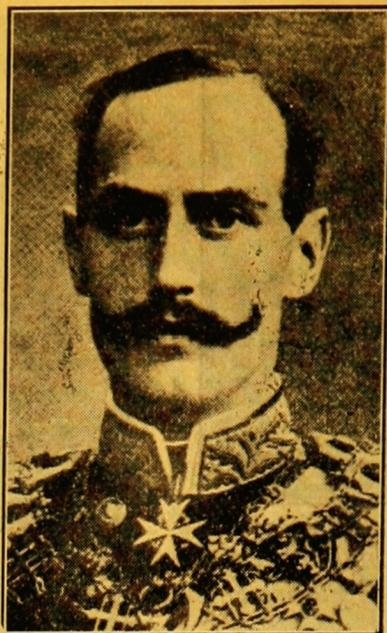
A viscondessa de Howick, enfermeira da Cruz Vermelha ingleza



Lady Sybill Grey, enfermeira da Cruz Vermelha ingleza



Um salão do Grande Hotel de Scarborough destruido pelas bombas da esquadra allemã

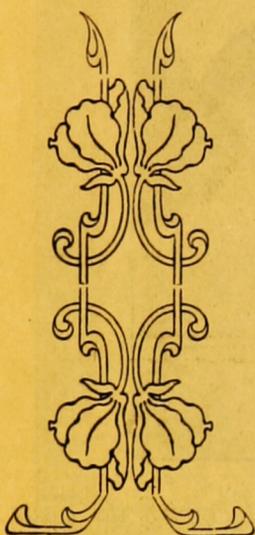


CHRISTIANO X, rei da Dinamarca

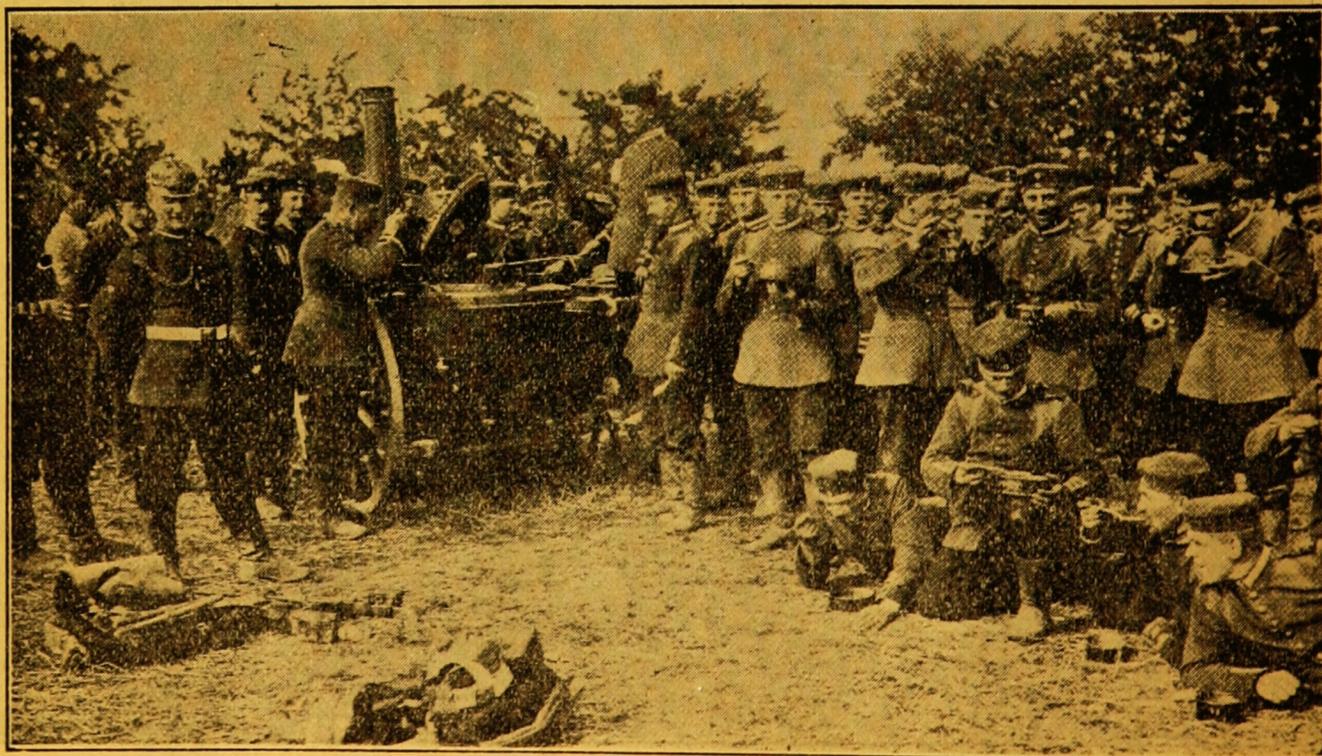
HAACKON VII, rei da Noruega

GUSTAVO V, rei da Suecia

Por iniciativa do rei Gustavo, da Suecia, reuniram ultimamente em Malmoe estes tres monarchas resolvendo guardar a mais completa neutralidade no actual conflicto europeu



Os principes Leopoldo, Carlos e Maria, filhos do rei Alberto, da Belgica. Photographia tirada no Palacio de Lord Curzon em Basmingstone (Inglaterra)



Soldados allemães comendo o rancho feito em uma cosinha de campanha

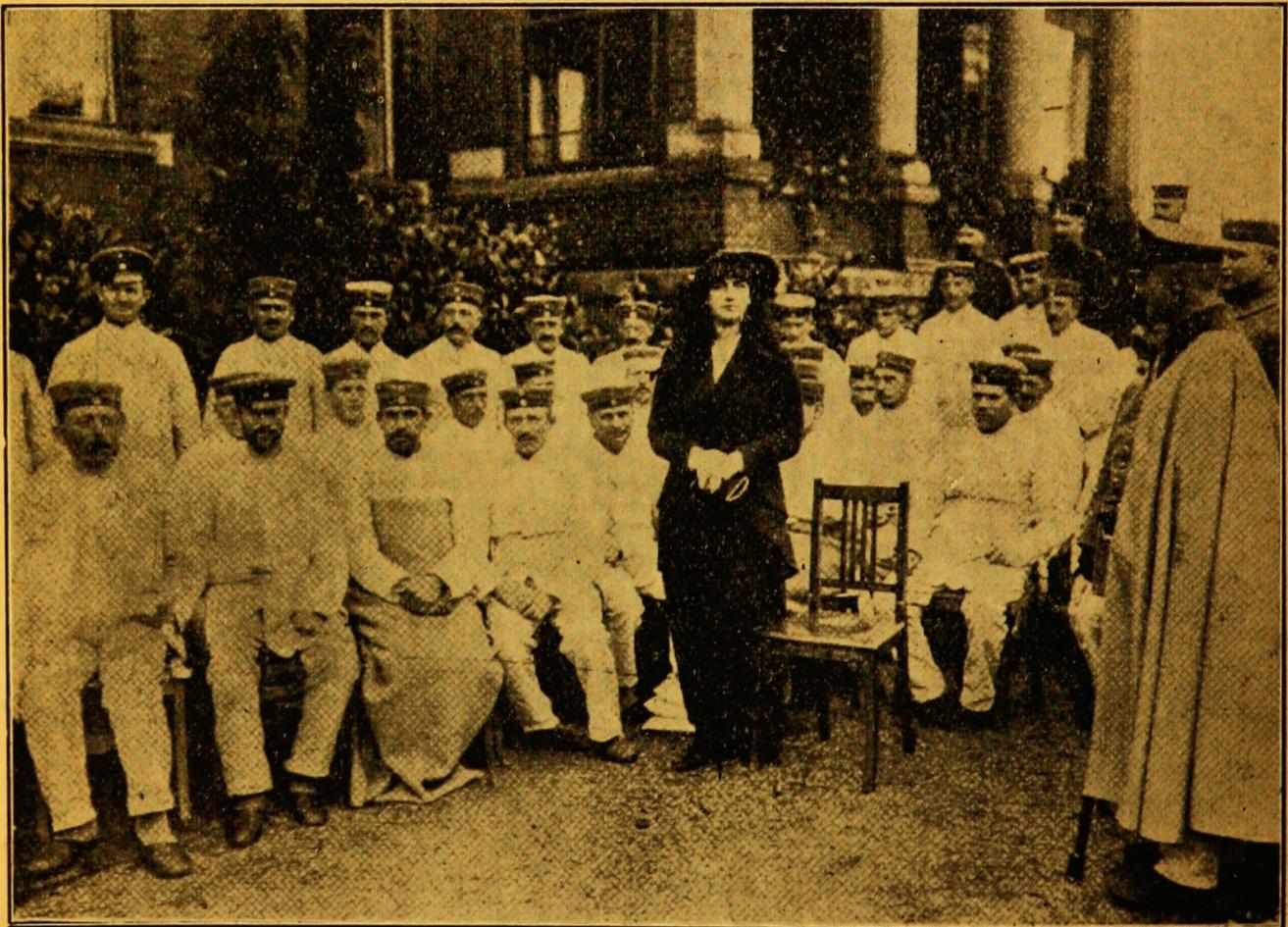
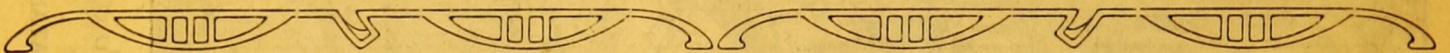


DEPOIS DA BATALHA — Um sacerdote francez prodigalizando os auxilios da religião a um soldado allemão moribundo

(QUADRO DE MATANÇA)

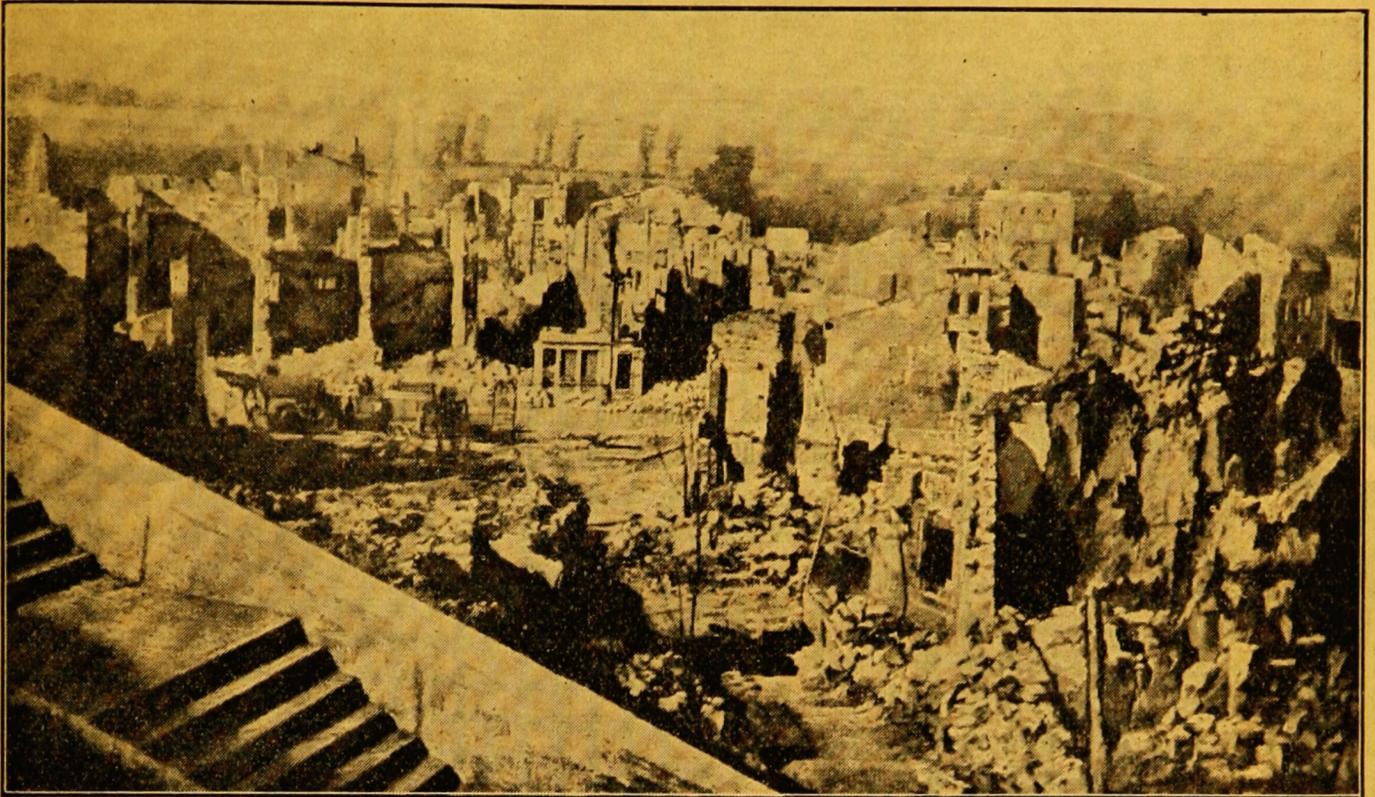
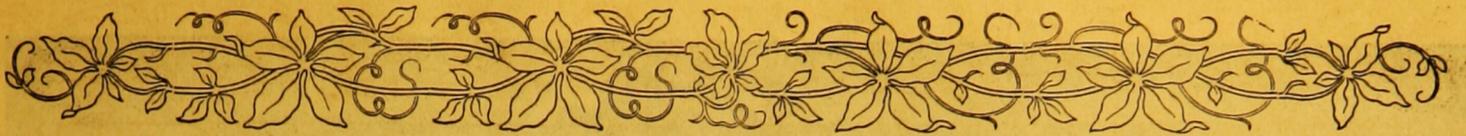


O rei Jorge V, condecorando alguns soldados em uma cidade do Norte de França

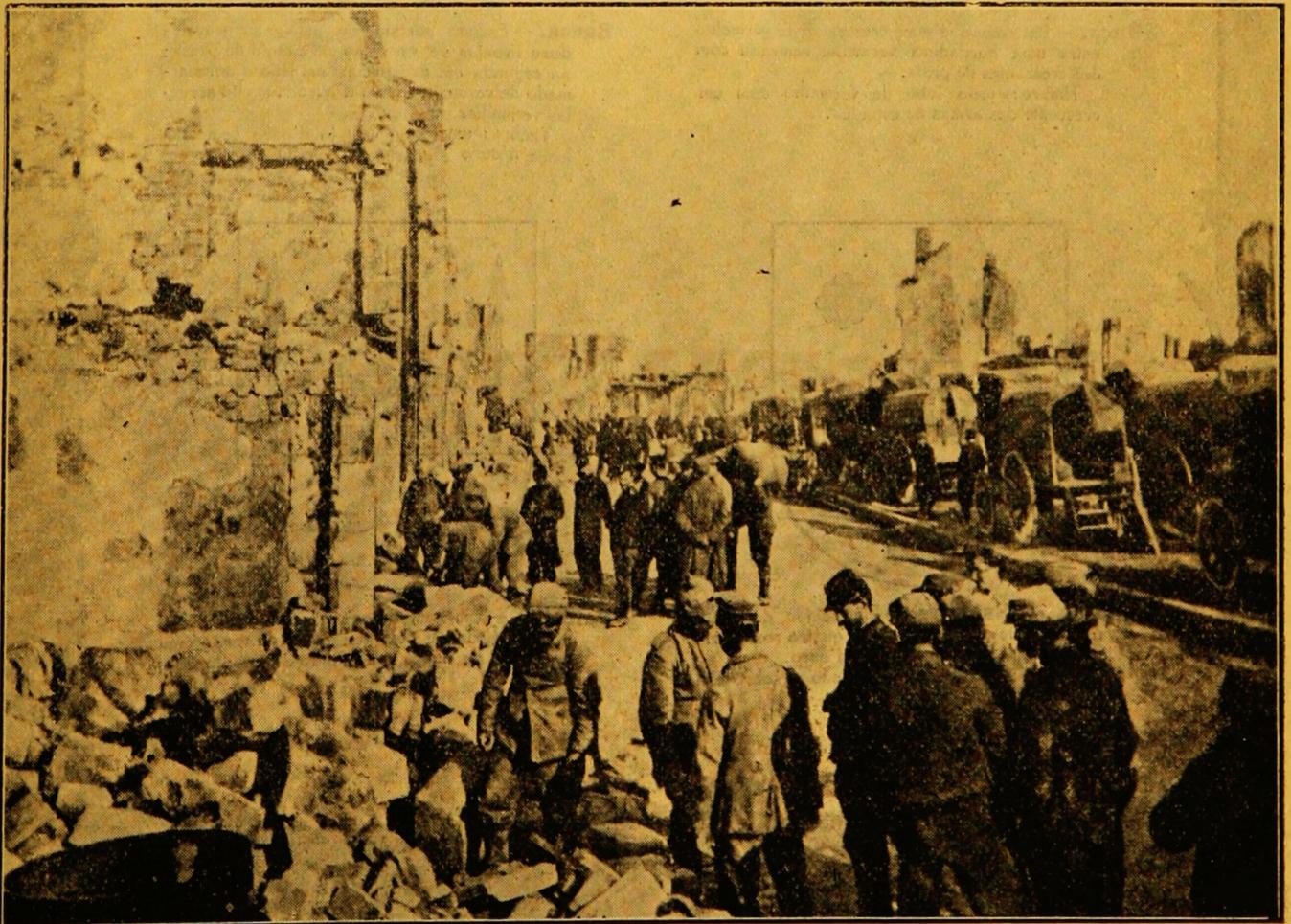


A princesa Augusta, filha do Kaiser, visitando os feridos no Hospital de Britz

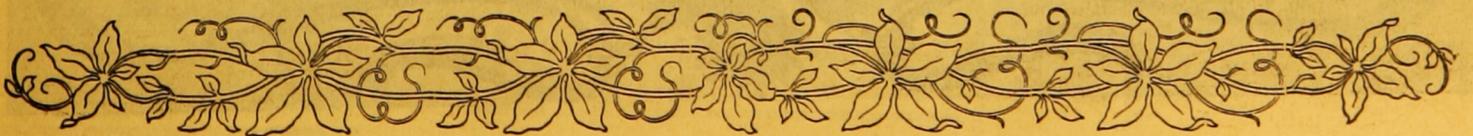




Ruínas de Clermont-en-Argonne. Um dos mais grandiosos panoramas da França

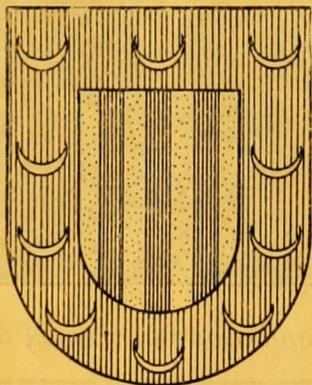


Os prisioneiros alemães trabalhando no levantamento dos escombros em Clermont-en-Argonne

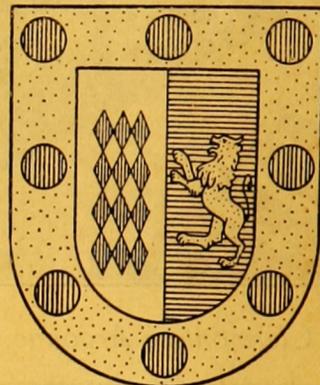


ARMARIA PORTUGUEZA

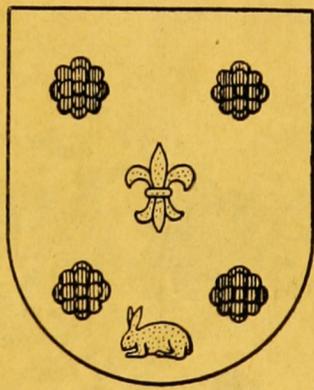
Armas de cada appellido que entram na composição dos braços das casas nobres de Portugal



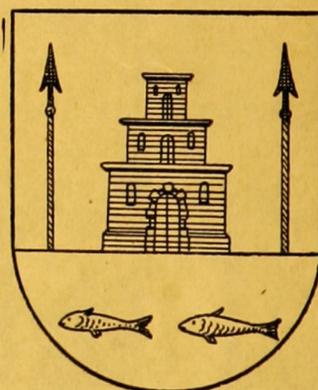
Baça. — Em campo d'ouro tres palas de vermelho entre uma bordadura vermelha semeada com dez crescentes de prata.
Timbre: meio lobo de vermelho com um crescente das armas na espadua.



Baena. — Escudo partido em pala; na primeira doze lisonjas de vermelho em campo de prata; na segunda em campo azul um leão d'ouro armado de vermelho. Orla d'ouro com oito arruelas vermelhas.
Timbre: um braço vestido d'ouro com uma lança d'ouro e guarnecido com uma das arruelas.



Baldaes ou Baldaias. — Em campo de prata uma flôr de liz d'ouro entre quatro rosas vermelhas e no fundo um coelho d'ouro.
Timbre: uma rosa do escudo e sobre ella uma flôr de liz d'ouro.



Baleatos. — Em campo de prata uma torre d'azul acompanhada de dois venabulos de verde com os ferros de negro e no fundo do escudo dois peixes.

